

**O RESGATE E A AFIRMAÇÃO
DE UM SONHO
O X ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBS**

Faustino Teixeira

Introdução

As Comunidades Eclesiais de Base, como experiência inovadora no jeito de ser Igreja, foram sempre motivo de reações diversificadas no Brasil e no mundo. A grande novidade desta caminhada eclesial consiste em apontar a possibilidade concreta de uma incidência crítico-profética da Igreja, capaz de um exercício alternativo de solidariedade com os pequenos e excluídos. Para alguns setores da mídia e da intelectualidade, esta experiência estaria hoje vivendo um tempo de esgotamento e crise, sobretudo, após o clima de dissolução da utopia socialista, com o ocaso do socialismo real e a queda do muro de Berlim. Alguns autores chegam mesmo a falar que a experiência encontra-se, hoje, em "visível declínio", restando apenas compor os últimos acordes do "réquiem libertador"¹. Há que reconhecer que o interesse pelas CEBs pode ter se arrefecido entre segmentos do "novo clero", mais

¹ R. PRANDI, *Um sopro do Espírito*, São Paulo: Edusp/FAPESP, 1997, p. 14; O. FRIAS FILHO, "Réquiem para a libertação", Folha de São Paulo, 21 de outubro de 1999, pp. 1-2. Esta é a imagem que passa também na imprensa, mesmo depois do Intereclesial. Ver o artigo de Roldão ARRUDA, que fez a cobertura do evento: Encontro da Bahia reflete crise das comunidades de base, *O Estado de São Paulo*, 16 de julho de 2000.

sintonizados com a afirmação do poder sacerdotal, ou dos novos analistas sociais, mais interessados com o fenômeno do esoterismo e da Nova Era, ou da irradiação pentecostal.² De fato, vive-se um momento particular tanto na conjuntura eclesial, de nítida retração, como nas articulações do campo religioso no Brasil. O crescimento substantivo dos núcleos pentecostais e carismáticos, bem como a ampliação do circuito esotérico, desloca o foco de atenção da opinião pública, dando a impressão de uma crise mais profunda na vida das CEBs.

Em reação aos diagnósticos mais pessimistas, o sociólogo e assessor das CEBs, Luiz Alberto Gómez de Souza, escreveu um importante artigo, cujo título é bem significativo: "As CEBs vão bem, obrigado"³. Sua intenção foi sublinhar, ao contrário do que apontam os analistas mais reticentes, a vitalidade das CEBs no momento presente. O autor reconhece que houve idealizações da experiência no passado. Nas diversas pesquisas organizadas pelo ISER/Assessoria, abordando a prática pastoral de igrejas locais nas diversas regiões do país, verificou-se que, de fato, as CEBs têm atingido, de um modo geral, em torno de 4,5 a 9% da população local⁴. O trabalho das CEBs foi desde sempre um trabalho com pequenas comunidades e não um trabalho massivo.⁵ Nunca houve na experiência evangelizadora das comunidades uma pretensão de abarcar toda a Igreja, mas sim de convocar toda a Igreja a viver de forma mais evangélica o compromisso com os pobres. Daí se falar de nova forma de ser Igreja e não da forma de toda a Igreja ser. Este trabalho comunitário das CEBs, ainda que de forma nuclear, significou um esforço grandioso, cujo impacto se irradiou para além das fronteiras do Brasil, reunindo e organizando setores populares numa forma diversa e nova de viver o cristianismo e o seguimento de Jesus.

Sem dúvida alguma, nos anos 70 e 80, havia maior visibilidade da experiência das CEBs. A conjuntura era outra, e o dinamismo da atuação social das comunidades mais divulgado. Naquele momento, os vetores da luta contra o regime autoritário e o compromisso com as camadas populares constituíam o núcleo mais fundamental de aten-

² L. R. BENEDETTI, "O 'novo clero': arcaico ou moderno?", *REB* 59 / nº 233 (1999) 111-112; J. G. C. MAGNANI, *Mystica Urbe*, São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 21 n. 10.

³ L.A. GÓMEZ DE SOUZA, "As CEBs vão bem, obrigado", *REB* 60 / nº 237(2000) 93-110.

⁴ P.F.C. de ANDRADE, "CEBs: massas e minorias e a questão dos sacramentos", em C. BOFF et alii, "As comunidades de base em questão", São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 232-236.

⁵ L.A. GÓMEZ DE SOUZA, em seu artigo, sublinha que em nível numérico, as CEBs mantiveram-se dentro do mesmo índice de presença na sociedade. É o que mostra a pesquisa realizada em parceria do CERIS com o ISER. Mesmo tendo ocorrido crises em determinados lugares históricos de atuação das comunidades, houve uma ampliação do raio de sua incidência em áreas novas, como o Alto Uruguai e interior de Santa Catarina: *Op. cit.*, p. 95.

escolhida favorecia refletir sobre duas questões essenciais para as comunidades: a recuperação da memória, da vida e o cotidiano das CEBs; bem como a fundação de sua história na dinâmica do sonho e do seguimento de Jesus. Daí se falar em 2000 anos de caminhada.

Na reunião da Equipe Ampliada Nacional⁷, realizada ainda em 1997, escolheu-se o lema: Memória e Caminhada, Sonho e Compromisso. Nesta mesma ocasião ficou acertada a composição do texto base, que serviria de instrumento de reflexão e de ajuda às comunidades para o aprofundamento da temática indicada. Foram escolhidos os temas para o texto base e os assessores específicos para a redação dos vários artigos⁸. O processo propriamente organizativo se iniciou em janeiro de 1998, com a abertura do Secretariado Nacional em Ilhéus. Para acompanhar o trabalho de preparação e animação, foi criado um Secretariado Executivo, cuja função foi a de encaminhar as decisões, produzir e publicar os subsídios, em particular dar continuidade ao tablóide *A Caminho* (o canal informativo mais importante de divulgação dos trabalhos).⁹ Deve-se lembrar ainda o papel da Equipe Regional, composta pelos representantes ou articuladores diocesanos das CEBs. Para a agilização dos trabalhos, foram criadas 10 áreas de serviços, com inúmeros voluntários, para atender as necessidades referentes à alimentação, liturgia, documentação, comunicação, bem estar, saúde, oficina criativa, hospedagem, infra-estrutura e administração.

Em reunião da Equipe Ampliada Nacional, ocorrida em 1998, optou-se pela *mudança de metodologia* no Intereclesial. Em substituição aos blocos temáticos que marcaram os Intereclesiais anteriores, decidiu-se pela criação de 6 arraiais (ou grandes plenários) com uma mesma programação, de forma a possibilitar a discussão em cada arraial de todos os temas previstos no Encontro e não apenas uma temática específica. Os arraiais foram "batizados" com os seguintes nomes: Dorcelina, Jaime Wright, Dandara, Eldorado dos Carajás, Chicão Xucuru e Dom Hélder Câmara. De acordo com a organização prevista, cada arraial

⁷ A Equipe Ampliada Nacional constitui a principal instância de decisão sobre um Intereclesial. Ela vem sendo composta por duas pessoas das CEBs de cada regional da CNBB (32 ao todo), 2 evangélicos, 1 representante do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), 1 representante da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), os assessores convidados e o Bispo Diocesano que acolhe o evento.

⁸ O texto base saiu publicado em 1999, na editora Fonte Viva (Paulo Afonso), sob a responsabilidade do Secretariado de CEBs para o 10º Intereclesial e a apresentação de Dom Mauro Montagnoli, bispo de Ilhéus e responsável pela acolhida do Encontro. Foram escritos 11 artigos, sob a responsabilidade dos seguintes assessores: José Oscar Beozzo, Franciso Orofino e Carlos Mesters, Faustino Teixeira, Pedro Casaldáliga, Ivo Lesbaupin, Clodovis Boff, Mercedes Lopes, Penha Carpanedo e Marcelo Guimarães, Lúcia Ribeiro, Marcelo Barros, Sílvia Regina, Paulo Suess.

⁹ Na coordenação dos trabalhos deste Secretariado esteve sempre o pe. Edegard Silva Júnior, da Congregação dos Missionários Saletinos, natural de Gandu (Bahia).

reuniria em torno de 500 pessoas que, por sua vez, se subdiviriam em cinco mini-plenárias de 100 pessoas e estas em 10 grupos menores.

Para driblar dificuldades financeiras e viabilizar a realização do evento, o Secretariado Executivo articulou uma série de iniciativas criativas, envolvendo todos os regionais do país. Podem ser destacadas a campanha "R\$ 10,00 para o 10º", o cartão telefônico com a menção ao Encontro etc. Vários regionais se prontificaram a oferecer sua contribuição em algum campo específico, lançando campanhas de arrecadação, responsabilizando-se por alguma tarefa favorecedora e, sobretudo, animando e preparando as comunidades para este grande acontecimento. Foi, de fato, uma preparação realizada em mutirão.

Ainda como momento preparatório do Intereclesial aconteceu um encontro de 64 assessores e assessoras de CEBs de todos os regionais do Brasil, acompanhados de 5 bispos e 1 irmão evangélico. O encontro realizou-se em janeiro de 2000 na cidade de Goiânia. A finalidade principal dessa reunião foi a de favorecer o entrosamento dos assessores em função de um melhor serviço ao Intereclesial. Neste encontro buscou-se fazer uma análise da conjuntura eclesial católica e evangélica e trabalhar alguns temas específicos, como a caminhada das CEBs nos Intereclesiais, as comunidades e a memória da prática de Jesus, o desafio da questão de gênero e a questão de fundo da identidade das CEBs.

Em janeiro de 2000, já na reta final, aconteceu na cidade de Ilhéus nova reunião da Equipe Ampliada Nacional. Já se podia sentir, pelo relato dos regionais, a presença de uma grande animação por parte das comunidades de todo o Brasil. Vários encontros regionais, locais, além de seminários de estudos sobre o texto-base foram realizados com sucesso por todo o país. Além da definição da programação dos cinco dias do Intereclesial, a reunião da Ampliada tratou de outras questões relativas à caminhada das comunidades, entre as quais, a necessidade de um maior aprofundamento do papel da Ampliada Nacional, a proposta da criação de um Secretariado Nacional de CEBs e de um Núcleo de Documentação das CEBs.

2. Os números do Intereclesial

O X Encontro Intereclesial de CEBs teve início no dia 11 de julho de 2000, na cidade de Ilhéus (Bahia). Participaram do evento cerca de 3.063¹⁰ pessoas. O número de delegados e delegadas enviados pelas

¹⁰ Os dados sobre a participação no Intereclesial foram tirados do Informativo do 10º Intereclesial, elaborado pela Equipe do Secretariado Nacional de CEBs e divulgado em data posterior ao evento. Há um certo descompasso entre estes dados e os apresentados na carta final do Encontro.

comunidades somava 2.397 participantes, entre os quais 1.269 mulheres e 1.128 homens. Das 267 dioceses existentes no Brasil, fizeram-se representar 231. A presença dos bispos católicos do Brasil e da América Latina foi também expressiva, em torno de 70 bispos. Além destes, participaram outros 4 bispos evangélicos. Representando outras Igrejas cristãs, estiveram presentes 72 mulheres e homens, membros das Igrejas de Confissão Luterana do Brasil, Metodista, Batista Nazareth, Presbiteriana Unida, Presbiteriana Independente, Episcopal Anglicana do Brasil e Evangélica Congregacional.

Um dos traços peculiares dos Encontros Intereclesiais é a sua abertura ecumênica. Trata-se de uma dimensão que vem acompanhando os Intereclesiais desde o início. Nos últimos anos tem-se verificado uma maior ampliação deste ecumenismo com a acolhida cada vez mais crescente dos irmãos indígenas e das comunidades afro-brasileiras. No Intereclesial de Ilhéus, a presença e participação dos Indígenas talvez tenha sido um de seus traços mais singulares. Participaram do Encontro 65 indígenas de 30 nações, entre as quais: Tupi, Canoé, Guajajara, Guarani, Kaimbé, Kaingang, Kaiová, Kariri, Makixi, Manduca, Maxakali, Pataxó, Rikbaktsa, Terena, Tupinambá, Tupinikin, Tuxá, Xakriabá, Xucuro-Kariri. Das comunidades afro-brasileiras, ou o Povo de Santo, estiveram presentes 3 Babalorixás e 5 Yalorixás.

Participando no trabalho de assessoria, estavam 63 pessoas, dentre as quais 3 evangélicos. Em relação aos encontros passados, vale destacar a maior presença de mulheres assessoras, expressando, confirmando e dando visibilidade ao rosto feminino das comunidades. Na qualidade de convidados, participaram ainda representantes de comunidades dos seguintes países: Argentina, México, Guatemala, El Salvador, Chile, Bolívia, Cuba, República Dominicana, Venezuela, Nicarágua, Equador, Estados Unidos, Itália e Áustria.

O apoio de infra-estrutura, contou com a colaboração de 99 pessoas, que auxiliaram as diversas equipes de serviço: nas orações, celebrações, animação e discussão nos arraiais, alimentação, hospedagem, administração, documentação, saúde e comunicação social. Estas diversas equipes envolveram cerca de 1000 pessoas.

3. Metodologia dos Trabalhos e Desenvolvimento da Temática

A chegada da maior parte dos delegados aconteceu no dia 11 de julho, data de início do Intereclesial. Seguindo uma tradição dos últimos Encontros, os delegados foram acolhidos pelas famílias das diversas comunidades da diocese. A cidade estava bem estruturada para

receber os participantes e a organização do evento tinha preparado com carinho e eficiência os vários detalhes: os espaços comunitários para a partilha de experiências e a convivência dos delegados, que incluía a praça da alimentação, a feira nacional de artesanato, a sala de imprensa e as tendas de oração. Os trabalhos foram realizados em locais diversificados: cada um dos seis arraiais funcionava num espaço distinto, preparado para acolher seus 500 participantes. Um dos arraiais, que funcionou no ginásio municipal de esportes, serviu de espaço para o grande arraial, que acolheu todos os participantes nos momentos de reunião geral: Arraial Dom Hélder Câmara. A maior parte dos trabalhos aconteceu nos arraiais específicos. Para facilitar o processo, cada arraial compunha-se de 5 mini-plenários de 100 pessoas, além de 10 grupos com 10 pessoas. Para cada arraial e mini-plenário, havia uma coordenação particular, além de assessores e equipe de animação e serviços.

O primeiro dia do Encontro foi mais preparatório. Foi o dia da chegada dos delegados, de sua acolhida e credenciamento. O trabalho foi mais dos relatores e coordenadores de mini-plenários, que se reuniram para preparar os últimos detalhes da organização do evento. Aconteceu também uma reunião geral dos assessores com a Ampliada Nacional. Com o arranjo dos últimos detalhes, o campo estava preparado para mais uma viagem do trem das CEBs. À noite, na concha acústica da cidade, aconteceu a abertura do Intereclesial com uma *grande celebração*.

O espaço da celebração estava enfeitado por girassóis e envolvido por grandes faixas do Senhor do Bonfim: um sinal de acolhida e saudação ao povo das comunidades. O clima era de muita emoção. Dentre os cantos de abertura, um deles saudava a presença de Deus; um outro, a beleza do momento: "tá lindo demais". A equipe de animação, com o seu olhar e o seu canto, mostrava que é Deus quem chama as comunidades para um momento novo. No clima singelo da brisa noturna, na trégua concedida pela chuva, que marcou os dias anteriores, um mantra cria o clima de interiorização: "Seja bendito quem chega, seja bendito quem chega, trazendo a paz, trazendo a paz do Senhor". No altar entram 6 baianas com defumadores, perfumando o ar e aclamando os quatro elementos da vida, os ancestrais e os Orixás. Ao fundo, vibravam 25 atabaques, representando os 25 anos de Intereclesiais.

Um sinal dos tempos! Um Encontro que se inicia com este gesto de acolhida inter-religiosa, retomando a dinâmica presente no Intereclesial de São Luís. Em seguida, várias pessoas sobem ao altar, simbolizando o campo diversificado dos excluídos em nossa sociedade, e o gesto acolhedor das comunidades, que desde sempre fizeram a sua opção

por eles: o pescador, a lavadeira, a prostituta, o menor abandonado, o catador de caranguejo, o militante do MST, o desempregado etc. Um grito por justiça é partilhado por todos, expressando o repúdio das comunidades à situação de opressão e exclusão dos empobrecidos. Neste momento, pede-se a Paz e enormes faixas caem sobre o altar, com os dizeres: Amém, Axé, Auêre e Aleluia.

No clima aberto por uma dança indígena, ocorre a apresentação dos representantes das tradições religiosas presentes: a Ialorixá Carmosina, zeladora dos Orixás, saúda os participantes com muito axé; a pastora luterana Vera Cristina, com seu sorriso irradiante, sinaliza a presença de Deus que faz nascer a utopia do Reino; o Pajé Rufino lembra a grandeza sem limites de Deus. Os bispos católicos, Dom Mauro Montagnoli – anfitrião do Encontro —, e Dom Jaime Chemello – presidente da CNBB —, saúdam igualmente os participantes e manifestam sua convicção de que nas CEBs se expressa a opção evangélica pelos pobres.

Na sequência da celebração, o Pe. Edegard abre oficialmente o Encontro, apresentando palavras alvissareiras do profeta Dom Hélder Câmara. Com voz emocionada sinaliza que “a Bahia de todos os santos se chama hoje Bahia de todas as CEBs”. Após a explosão de fogos de artifícios de diversos tipos, os vários regionais são apresentados, bem como os convidados de outros países. O jubileu dos Intereclesiais vem festejado com a entrada do trem das CEBs. Em seguida acende-se a tocha do Intereclesial, e em sua luz acendem-se três grandes velas (vermelha, amarela e verde), que são trazidas em procissão para o altar. A Palavra de Deus entra igualmente de forma solene, e a pastora luterana Lori Altmann procede a leitura do livro dos Atos dos Apóstolos 2, 42. Ao final da celebração, como gesto de comunhão, são distribuídos beijos, depois de abençoados por Dom Mauro, preparados pelas comunidades de todas as dioceses da Bahia. A bênção final foi proferida em comunhão pelo representante indígena, pela Babalorixá, pela pastora e pelos bispos católicos.

O início da reflexão temática aconteceu no segundo dia, quando se trabalhou nos grupos e nos mini-plenários o tema da *memória da caminhada pessoal nas CEBs e da caminhada das CEBs*. A reflexão temática nos mini-plenários era sempre precedida de uma celebração no arraial, sob a responsabilidade de um dos regionais. Seguindo a dinâmica prevista, antes do encaminhamento para os pequenos grupos, um ou dois assessores aqueciam a reflexão com uma breve explicação e encaminhamento do tema do dia. Para motivar os trabalhos, foram levantadas algumas questões. Num primeiro momento, questões sobre a memória pessoal nas CEBs: Quem sou? Qual a minha história nas CEBs? Num segundo momento, sobre a memória da cami-

nhada das CEBs: Como nasceu e se desenvolveu sua comunidade e como se articula com outras comunidades? Como é utilizada a Bíblia? Como são as celebrações? Quais as lutas sociais e políticas? Como são trabalhadas as questões culturais e ecumênicas?

Os resultados dos trabalhos nos grupos e mini-plenários, apresentados nos arraiais, manifestaram alguns elementos significativos. Com respeito à memória da caminhada das CEBs, sublinhou-se a dupla vertente de sua origem: religiosa e social. Algumas CEBs nasceram de iniciativas mais religiosas, como as rezas populares, os círculos bíblicos ou os grupos de reflexão; outras, nasceram de iniciativas mais sociais, como as lutas populares, no campo e na cidade, os mutirões de ajuda mútua etc. Em grande parte dos depoimentos, sublinhou-se a *centralidade da Bíblia* na vida das comunidades. Salientou-se a importância desta Palavra como esteio fundamental das comunidades, como centro referencial de orientação dos pobres, como o coração das comunidades, a “gasolina que mantém acesa” a vida comunitária. Falou-se muito na importância da experiência do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), como espaço de um aprofundamento da Palavra de Deus, em comunhão ecumênica, e de enraizamento desta Palavra no horizonte concreto da vida dos pobres. A propósito das lutas sociais, testemunhou-se a dimensão de resistência das CEBs contra as políticas de exclusão levadas a cabo pelo neoliberalismo. Esta caminhada foi realizada entre avanços e dificuldades, como se sublinhou na carta final: “Por causa de nossa atuação profética, fizemos muitas vezes a sociedade mudar sua agenda, assumindo os temas de interesse dos pobres. Foi assim que crescemos na defesa dos direitos humanos, na construção da cidadania, na luta pela reforma agrária, na valorização dos povos indígenas, do povo negro, das mulheres, das crianças e dos jovens, dos portadores de deficiências e das pessoas da terceira idade”¹¹.

Com respeito às questões ecumênicas e culturais, salientou-se a presença de inúmeras dificuldades. Nos relatórios de grupos apresentados no maior arraial (Dom Hélder Câmara), uma nota comum referia-se à necessidade de se avançar mais no ecumenismo. Muitos problemas foram apontados neste campo, em particular as dificuldades concretas, vividas nas bases, com alguns grupos pentecostais ou pastores, hostis à quaisquer iniciativas de trabalho comum. Avanços têm ocorrido, em particular na relação com as Igrejas do protestantismo histórico, e mencionou-se as iniciativas relacionadas à Campanha da Fraternidade de 2000. Sublinhou-se também as resistências presentes na Igreja católica a propósito.

¹¹ *Carta Final – Carta às Comunidades*, julho de 2000, mimeo, p. 2.

À noite do segundo dia, os participantes de todos os arraiais reuniram-se na concha acústica para uma *celebração de perdão* e de resgate da esperança, a Missa da Terra sem Males, coordenada pelo Regional de Minas Gerais. Depois de 20 anos de sua concepção, esta experiência litúrgica é revivida, contando com a presença de seus três autores: D. Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra e o músico Martin Coplas. Nesta celebração, uma esperança e um sonho dos índios Guaranis é revivido: o paraíso da terra na terra, a *Yvy-maran ei*, a terra sem mal e sem sofrimento. No cenário da celebração, a presença de um mapa do Brasil em vermelho. Do alto, pendiam 12 grandes faixas com o nome de nações indígenas. Foi um momento marcado pela presença viva dos indígenas que participavam do Intereclesial, representando cada uma das nações que sofreram a violência de um "Império de extermínio". Estavam ali também para apontar e denunciar a história de um encobrimento e apagamento do outro, dos povos originários do Brasil e da América.

Um momento forte ocorreu no memorial penitencial, quando os mais de 3 mil participantes puderam aquecer sua memória e coração com a dura e triste história de secular dominação: um povo que adorava a Deus, Maíra, em todas as coisas, mas que sofre a violência de uma conquista que apaga a sua singularidade: "E nós te missionamos, infiéis ao Evangelho, cravamos em tua vida a espada de uma Cruz. Sinos de Boa-Nova, num dobre de finados!". Na medida em que o repertório das violências cometidas eram anunciadas, os participantes da celebração pediam o perdão por todos os erros cometidos.

Na homilia, precedida pela leitura do Mito Tupy Guarany da Terra Sem Males (proclamada pela índia Edileuza), Dom Pedro Casaldáliga retoma esta memória e convoca ao compromisso para com a cultura indígena. Indica que desde o início o Verbo de Deus já estava semeado no coração de todos os povos, pois Deus sempre foi o Deus de todas as culturas, de toda Ameríndia. Sublinha a realidade de comunhão que as CEBs partilham em toda a busca de uma Terra-sem-Males: uma Terra que todos querem inventar.

Durante a comunhão distribuiu-se pão sírio em peneiras e o vinho em coités. Foi o momento da festa da partilha e a experiência de "dom" tão vivamente presentes no mito da Terra sem Males. Ao final, os índios ofereceram a cada participante um colar como forma do perdão concedido.

A dinâmica do terceiro dia foi semelhante à do dia anterior. Os trabalhos aconteceram paralelamente em cada um dos arraiais. No início do dia, uma oração foi preparada por um dos regionais. Em seguida, um dos assessores resgatou a memória do dia anterior e outro respondeu pela motivação do tema do dia. O tema deste dia relacio-

nava-se aos *sonhos e desafios das CEBs*. Duas questões motivaram o trabalho dos grupos: quais são os nossos sonhos na vida, na Igreja e na sociedade? Quais são os obstáculos e o que estamos fazendo para superá-los diante da Igreja e da Sociedade?

No arraial Dom Hélder Câmara, a motivação inicial foi feita pela teóloga leiga Teresa Cavalcanti, do Rio de Janeiro. Sua longa experiência no CEBI deu um toque especial à reflexão, servindo de motor para a seqüência dos trabalhos. A idéia que ela buscou passar para os participantes deste plenário é a de que os sonhos não envelhecem: “sem o sonho não se levanta o pé do chão”. Os sonhos são fundamentais, sem eles os nossos olhos ficam na sombra, como ocorreu com os discípulos de Emaús. O resgate do sonho faz “arder o coração”, provocando a abertura do olhar (Lc 24,31-32); a força de sua presença faz o coração se alegrar, expulsando qualquer tristeza (Jo 16,22) e convocando ao caminho de afirmação da vida. Completando sua reflexão, Tereza falou sobre os 3 sonhos de Jesus: a vida para todos, em abundância; a pertença do Reino aos pobres; o horizonte de amor e de unidade para todos. As CEBs são convocadas a retomar e resgatar estes sonhos.

Os trabalhos de grupo evidenciaram que as comunidades partilham um *sonho de sociedade* bem definido: uma sociedade justa, que respeite a vida, que afirme a dignidade humana e a igualdade entre todos; que reconheça o lugar da liberdade e da cidadania plena. Uma sociedade que favoreça o direito à terra, à moradia e ao trabalho; que exclua do seu espaço a violência e seja portadora de paz para todos. O sonho é também de uma *Igreja* mais autêntica, onde todos possam ser reconhecidos como irmãos; os leigos e as mulheres, em particular, mais valorizados. Uma Igreja sempre aberta ao povo e comprometida com a sua causa. Uma Igreja viva e mais alegre, dinamizada pela experiência comunitária; mais participativa e dialogal; onde os bispos, sacerdotes e ministros possam se envolver de forma mais ativa na caminhada dos pobres, reconhecendo-a como sua. Uma Igreja, enfim, que aceita o desafio da diferença e que sabe recriar a unidade na diversidade das culturas.

Este sonho esbarra, porém, em *obstáculos* bem concretos. A *nível individual*, existe o medo, a apatia, o conformismo, o individualismo, o desânimo e cansaço, a insensibilidade e a falta de coragem, a carência de indignação ética. São barreiras reais, que delineiam e expressam uma crise de sentido mais profunda, típica de nosso tempo, que demanda a urgência de uma nova vitalidade espiritual.¹² No *campo social*, existe a barreira do projeto econômico neoliberal excludente, as difi-

¹² C. BOFF, “Presente e futuro das CEBs...”, *Op. cit.*, pp.7-8. Ver também F. TEIXEIRA, *A espiritualidade do seguimento*, São Paulo: Paulinas, 1994.

culdades relacionadas ao desemprego, à concentração de renda e de terra, à falta de moradia, ao endividamento crescente e o monopólio dos meios de comunicação social. Dificuldades emergem também a *nível de Igreja*: a retração neoconservadora, a falta de comunhão, o descompromisso do clero (dos novos padres em particular), o autoritarismo dos sacerdotes, a ausência de reconhecimento da participação das mulheres nas diversas instâncias ministeriais e de decisão, a descrença nos leigos e o caciquismo em certas comunidades.

Diante de tais impasses, alguns *sinais de resistência e esperança* se fazem sentir na vida e experiência das comunidades, como bem lembrou a carta final do Encontro. Alguns sonhos já estão se tornando realidade na prática cotidiana das CEBs. Em relação à Igreja, a novidade começa a acontecer “através do estudo e da celebração da Palavra de Deus, dos cursos de teologia para leigos e leigas, das missões populares, do envolvimento com o povo nas diversas pastorais e serviços, da participação das mulheres nos diferentes ministérios, das liturgias inculturadas”. O sonho começa igualmente a brilhar nas diversas iniciativas de participação e luta existentes no campo social: “na luta pela reforma agrária com a garra de movimentos como o dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), nas lutas pelo respeito à dignidade dos negros (as), das mulheres, dos povos indígenas, na defesa dos direitos da criança, do adolescente, da juventude e da terceira idade, nas lutas sindicais, nas lutas político-partidárias, na busca de um processo de educação popular, na luta dos povos indígenas pela terra e por sua autonomia”¹³.

A discussão sobre a temática dos sonhos e desafios das CEBs, nos grupos, mini-plenários e arraiais tomou grande parte do dia. Houve ainda espaço nos arraiais para a fala dos povos indígenas sobre o tema dos 500 anos de evangelização. Ao final da tarde, todos os participantes do Encontro se reuniram numa das praias centrais da cidade para a experiência singular de uma *tarde orante*. Sob a coordenação do Regional Centro-Oeste, os participantes foram convidados para uma experiência original em Intereclesiais. Um momento de encontro pessoal e comunitário com Deus, de abertura ao dom de sua gratuidade. De forma diferente das grandes celebrações ocorridas no Encontro, esta experiência foi marcada por um despojamento impressionante. Não havia maiores recursos ou aparatos de apoio. O ponto referencial era um velho carro de som, sobre o qual a equipe organizadora pontuava os passos da experiência orante. Uma verdadeira expressão de “kênose”, de esvaziamento material, mais em sintonia com a dinâmica concreta das CEBs. A motivação inicial foi feita pelo monge Marcelo

¹³ Carta Final..., Op. cit., p. 4.

de Barros, da comunidade beneditina de Goiás. Como ponto de apoio, foram distribuídos milhares de folhetos contendo a leitura do Evangelho de João 21,1-14, que relata o encontro de Jesus com os discípulos na margem do mar de Tiberíades. Assim como os discípulos de Jesus, os participantes foram convidados a fazer a experiência de “jogar a rede” em busca do peixe vitalizador. Num primeiro momento, a experiência foi solitária. A imensa multidão se dispersou pela praia, tendo como apoio o texto evangélico de João. O final da tarde era muito bonito: a brisa suave e o movimento das ondas, criavam o clima para este momento inicial de silêncio. A ele se seguiu um tempo de comunhão da experiência a dois ou três. Depois de um sinal emitido pelo carro de som, as pessoas foram se reunindo em diversos locais, pontuados por mastros fincados na praia e aí se deu a partilha mediante a dança de ciranda. Ao final, cada um destes núcleos partilhou, como na leitura de João, o pão e o peixe. Talvez tenha sido este um dos momentos mais significativos de todo o Intereclesial, propiciando com recursos de grande simplicidade um verdadeiro clima de oração.

O dia concluiu-se com uma festa de acolhida dos participantes pelas várias comunidades dos bairros de Ilhéus e de Itabuna: um espaço aberto para a experiência de comunhão com as cerca de 1.100 famílias que, de forma tão bonita e carinhosa, abriram suas casas para receber os delegados de todo o Brasil ou os demais convidados. Os depoimentos sobre a festa nos bairros foram muito positivos: uma noite regada a cerveja, licor e aquecida pelo tempero do acarajé, vatapá e caruru e pelos passos alegres do forró julino.

O quarto dia do Encontro foi marcado por uma dinâmica diferente. Na primeira parte da manhã, o local de reunião de todos os participantes foi no grande arraial Dom Hélder Câmara. A celebração de abertura do dia esteve a cargo do regional Sul 1. Em seguida, aconteceu um *painel sobre o compromisso das CEBs na Igreja e na sociedade*, com a participação de três convidados: Francisco Whitaker, Dom Pedro Casaldáliga e Marcelo Barros. Iniciando o painel, Francisco Whitaker falou sobre os desafios presentes na relação entre política e religião. Sem desconhecer as dificuldades que esta relação implica para alguns setores populares, ainda reticentes diante das exigências políticas da fé, insistiu que a subtração deste compromisso é a pior forma de se fazer política. De forma bem concreta, mostrou aos participantes do grande plenário alguns caminhos efetivos e possíveis de participação na política no atual momento da realidade brasileira: a presença mais ativa nas eleições municipais, incluindo o acompanhamento do mandato dos eleitos e no plebiscito da dívida externa. As palavras do segundo convidado, Dom Pedro Casaldáliga, foram, sobretudo, de animação das comunidades. Ele pontuou para os presentes a profunda relação que vincula as comunidades de base com as comunidades

de Jesus: sobretudo, o grande amor pelo Reino, que é vida e fraternidade para todos. E sublinhou: “Nós pecamos muito por falta de sonhos e de paixão. Se sairmos do 10º Intereclesial com essa paixão pelo Reino, construiremos um mundo melhor”. Mas é ainda necessário, lembrou, recuperar a largura infinita deste Reino, que já ocorre quando a bondade é afirmada na história. O terceiro convidado, Marcelo de Barros, falou do sentimento de solidariedade que acompanha o seguimento de Jesus. Insistiu, sobretudo, sobre a importância e o desafio de inculturação das CEBs nas culturas indígenas e afro-brasileiras.

Após o painel, os participantes voltaram para os arraiais de origem, agora divididos por regionais ou grupos específicos (indígenas, latinos, evangélicos e negros), com a função de destacar os compromissos a serem assumidos pelas comunidades de sua região, tendo em vista a caminhada das comunidades, os sonhos e os desafios apresentados pelos painelistas.

Neste mesmo horário, os assessores reuniram-se com os bispos presentes no Intereclesial na Igreja de São Jorge. Esta reunião, sempre prevista nos Intereclesiais, foi muito rica e significativa. De forma geral, a avaliação dos bispos sobre o Encontro foi muito positiva. Os testemunhos confirmavam a riqueza e a vida da experiência das comunidades: “um grande bem para toda a Igreja do Brasil”; “um momento novo, de superação de certa beligerância e desencanto”; “as CEBs estão vivendo a intereclesialidade pela base”; “As CEBs demonstraram que estão vivas e querem animar toda a Igreja do Brasil”; as comunidades “convocam a Igreja a colocar em prática os documentos que escrevem”; “nos ajudam a superar a esquizofrenia entre o que escrevemos e o que vivemos”; levam à frente “a mística de uma espiritualidade transformadora”; constituem uma “dádiva divina para nós”; o modelo de Igreja que apresentam é o que o “Espírito fez nascer”; as comunidades atualizam a “experiência de uma Igreja bem viva, uma Igreja que quer transformar todo o humano”. Um dos bispos presentes, assinalou que os dias de Encontro foram para ele “dias de conversão”: uma sinalização de “como deve ser a nossa comunidade”. Sublinhou que alguns desafios sérios foram apontados para os pastores, entre os quais, o de maior participação do povo, o clamor pelos ministérios, e a necessidade de maior acolhida para os que buscam a Igreja com dor. Um bispo anglicano expressou a sua alegria com o Encontro: “um novo momento na minha vida de bispo, um resgate do Querigma”. Os assessores aproveitaram o importante momento desse encontro com os pastores para expressar algumas de suas preocupações. O teólogo João Batista Libanio apontou a presença de alguns problemas que merecem maior atenção. Em primeiro lugar, a questão do ecumenismo. Sublinhou que a abertura ecumênica está sendo dificultada pelo acirramento identitário de alguns pastores neopentecostais. Em segundo

lugar, levantou o problema da carência eucarística na vida das comunidades. Trata-se, afirmou, de algo muito grave. Em que medida a Igreja poderia negar este direito de eucaristia às comunidades eclesiais de base? Em terceiro lugar, mencionou a dificuldade crescente vivida pelas comunidades com o autoritarismo dos padres jovens. Para alguns deles, as CEBs não passam de mini-paróquias. A assessora e teóloga leiga Ana Maria Tepedino manifestou duas preocupações sentidas e expressas pelos diversos grupos no Encontro: a questão da formação dos seminaristas e da urgência de uma presença mais decisiva das mulheres na Igreja.

A reunião por regionais ou grupos específicos continuou na parte da tarde, desta vez com a discussão sobre a carta final do X Intereclesial. O dia concluiu-se com uma noite cultural na concha acústica. Apesar das dificuldades provocadas pela chuva, a programação cultural foi muito participada, contando com a presença dos compositores populares das CEBs, como Zé Vicente, e a presença de Pe. Zezinho, que brindou os presentes com duas de suas canções.

O último dia do Encontro transcorreu no Grande Arraial Dom Hélder Câmara. A celebração da manhã esteve a cargo dos Evangélicos, que de forma muito criativa trabalharam o tema das bem-aventuranças e sua incidência na realidade atual. A atenção concentrou-se sobre o valor da diversidade. Na polifonia das vozes, representadas pelas várias denominações presentes, uma esperança era anunciada: “bem aventuradas as pessoas que vêm na diversidade uma riqueza”; “bem aventuradas as pessoas que vivem a alegria da oração ecumênica”; “bem aventuradas as pessoas que vivem a espiritualidade da reconciliação ecumênica”. A experiência da “diversidade reconciliada” vinha expressa através dos gestos das mãos que tocavam as fitas coloridas que pendiam de uma grande cruz presente no centro do espaço celebrativo. Uma das pastoras convida os participantes a partilharem esta diversidade. As mãos que tocam as fitas, estendem-se para tocar o semelhante que está próximo, numa rica experiência de comunhão fraterna. Ao final, todos se abençoam mutuamente, num clima de muita fraternura.

Após a celebração, iniciou-se a fase final dos *encaminhamentos*. Antes da leitura da carta final, procedeu-se a leitura das cartas dos evangélicos e dos bispos. A leitura da *primeira carta* foi feita por Sebastião Gameleira, da Igreja Anglicana. O seu conteúdo é de uma beleza ímpar. Talvez tenha sido a carta mais bonita dentre todas as escritas por evangélicos nos Intereclesiais de CEBs no Brasil. Os evangélicos reconhecem no texto que o ecumenismo é ainda um desafio em aberto: “É verdade que nos falta abrir mais largamente nossos braços”. Reconhecem que a caminhada de comunhão com as CEBs favoreceu

um crescimento na acolhida mútua: “Ao longo destes 25 anos de Intereclesiais, tem crescido entre nós o sentimento de intimidade e tem se revelado, mesmo que embrionariamente, a unidade do Corpo de Cristo”. Vislumbram nas CEBs a emergência de um novo rosto de Igreja: “As CEBs são embrião de novo jeito da Igreja. Também da Igreja uma. Unidade segundo a imagem da Trindade de Deus, onde a diversidade não é contradição, mas ‘pluriforme riqueza da graça’, gratuidade transbordante para além de qualquer fronteira”. Sublinham que a convivência com as CEBs propiciou uma compreensão do ecumenismo em três sentidos particulares: o ecumenismo como conversão do coração, que se abre para acolher a diferença; o ecumenismo como instauração de novas relações entre as pessoas, como espaço de uma nova convivência e de renovação do coração e da mente; e ecumenismo como a “coragem de assumir ações em conjunto, em defesa da vida”.¹⁴

Na *segunda carta*, os bispos presentes expressam a sua “alegria e satisfação por este encontro eclesial”. Expressam também sua satisfação com a presença dos irmãos e irmãs das diversas Igrejas evangélicas, dos povos indígenas, das comunidades afro-brasileiras e das CEBs em geral. Em trecho da carta muito aplaudido por todos os presentes, afirmam: “Como pastores, acreditamos nas CEBs, confirmamos sua caminhada e reafirmamos sua importância para nossas Igrejas particulares”. Reafirmam o valor eclesial e evangélico da experiência ao reconhecer nelas “os traços e a eclesiologia das primeiras comunidades descritas nos Atos dos Apóstolos”; bem como uma “resposta às orientações do Concílio Vaticano II”. Manifestam o firme desejo de acompanhá-las em sua trajetória, partilhando com as mesmas os novos desafios da realidade: no trabalho de formação dos cristãos, na luta pelo “reconhecimento da dignidade e igualdade da mulher, nos diversos âmbitos da vida da Igreja e da sociedade”; na consolidação “dos novos ministérios assumidos igualmente por homens e mulheres, adultos e jovens”; na afirmação do “fecundo método de trabalho baseado no ‘ver, julgar, agir, celebrar e rever’”; no aprofundamento da “espiritualidade e prática ecumênica e de diálogo inter-religioso”, bem como de “presença transformadora na sociedade”. Concluem afirmando, que as CEBs “são herdeiras do sonho de Jesus e de sua missão libertadora”.¹⁵

Por fim, foi lida e aprovada a *Carta Final do Encontro*, onde se relata para as comunidades de todo o Brasil a experiência vivenciada pelos delegados nos cinco dias do Intereclesial. Aprovou-se igualmen-

¹⁴ *Carta ao povo das CEBs dos membros de Igrejas não católicas romanas participantes do 10º Intereclesial*. Ilhéus, 2000, mimeo.

¹⁵ *Carta dos bispos – Carta às comunidades eclesiais de base, X Intereclesial: 11 a 15 de julho de 2000*, mimeo.

te a versão da carta que celebra em cordel a rica partilha destes dias em comum. Ao final de sua poesia, Vitorino Maraschin sinaliza:

“Em nome da Trindade
A perfeita comunidade
Vamos para nossas casas
Com o coração em brasa
Com a Bíblia, neste ano jubilar
Vem Deus trino conosco caminhar
CEBs, povo de Deus: nesta jornada
2000 anos de caminhada”.

Em sequência à leitura das cartas, procedeu-se a apresentação dos *compromissos dos regionais e dos grupos específicos*. Na linha dos *compromissos sociais* os seguintes pontos foram acentuados: o fortalecimento das lutas populares e contra o desemprego; a luta em favor da cidadania e da reforma agrária; a participação efetiva no grito dos excluídos e no plebiscito da dívida externa; a presença mais decisiva na elaboração de políticas públicas, nos conselhos municipais e no orçamento participativo; a participação nos fóruns pela moralização e ética na vida pública e nos comitês contra a corrupção; maior acompanhamento dos mandatos e fiscalização mais efetiva dos serviços públicos; empenho em favor da emenda constitucional contra o latifúndio. Na linha dos *compromissos eclesiais*, outros pontos foram sublinhados: empenho em favor da ampliação dos grupos de reflexão e cursos de formação teológica, bem como os de formação bíblica em sintonia com o CEBI; formação permanente dos animadores e animadoras de CEBs; trabalho de resgate da identidade das CEBs, enquanto comunidades do seguimento de Jesus; promoção e integração de novas lideranças jovens nas comunidades; luta por direitos iguais para as mulheres na Igreja; incentivo para que a formação dos seminaristas possa expressar um maior compromisso com a Igreja dos pobres; reforço nos momentos de encontros, estudos e reflexão, envolvendo bispos, padres e seminaristas para o trabalho com as CEBs.

Em sintonia com a dinâmica assumida pelas CEBs nos últimos Intereclesiais, *novos compromissos* foram assumidos neste Encontro: o fortalecimento da luta das mulheres, em favor da causa indígena, afro-brasileira e ecológica. Sublinhou-se em particular, o empenho de participação na marcha mundial das mulheres contra a violência e a pobreza; na criação de espaços garantidos nas comunidades para a discussão destas novas questões; o incentivo e reforço na abertura ecumênica e inter-religiosa; a luta em defesa do meio ambiente e em favor da preservação das águas potáveis.

O X Intereclesial concluiu-se com uma *celebração*, realizada na praça da catedral. Esta celebração contou com a participação de cerca vinte

mil romeiros que se agregaram aos delegados participantes do Intereclesial. Uma longa procissão se formou, partindo da concha acústica, em direção à catedral. A celebração eucarística final foi mais clássica, mas sempre marcada com a tônica da acolhida inter-religiosa: com a presença dos bispos católicos, dos pastores evangélicos e das mães de santo. No momento da prece eucarística, só os bispos católicos subiram ao altar, marcando o tom da celebração. No momento final, um momento de particular emoção, com a voz de Dom Hélder na Missa dos Quilombos, falando de Mariama e convocando os cristãos ao compromisso de afirmação da Vida.

4. Pontuações Conclusivas

Ao final desta crônica sobre o X Intereclesial de CEBs, alguns aspectos podem ser apontados, para o desenvolvimento da reflexão sobre o tema. Entre os **destaques** pode-se mencionar a *participação dos indígenas*, que ocorreu de forma singular. Dentre todos os Intereclesiais, até então ocorridos, foi o primeiro onde esta presença se fez sentir de forma mais viva. Talvez o contexto dos 500 anos de evangelização e a localização do Encontro tenham contribuído de forma decisiva para esta incidência. Esta participação refletia igualmente um novo momento no processo de articulação e luta dos indígenas: um momento de maior amadurecimento. Em seus discursos, manifestaram uma posição menos autocentrada e aberta às outras lutas. Outro dado foi a *afirmação em bases mais serenas da questão ecumênica e inter-religiosa*. Já no Intereclesial anterior, esta dinâmica de acolhida tinha caracterizado o evento. Em Ilhéus, a presença do tema, sobretudo, nas celebrações sinalizou a importância deste desafio na vida das comunidades e sua aceitação mais tranqüila. Pode-se também sublinhar, como destaque, a *reiteração da identidade bíblica das comunidades*. O lema deste Intereclesial, ao incentivar a reflexão sobre a memória, a caminhada, os sonhos e os compromissos das comunidades, provocou a afirmação mais precisa da profunda ligação das CEBs com a Palavra de Deus. Esta Palavra está na origem da articulação das comunidades, é a razão de ser do encontro dos pobres em comunidade. Trata-se da grande “fonte de inspiração” para a mística das CEBs, como bem lembrou a carta final. Merece menção, a importância concedida ao trabalho do CEBI em sua busca de um aprofundamento ecumênico da Palavra. A importância deste trabalho foi apontada em vários momentos: nas reuniões de grupo, nos plenários e nos compromissos assumidos pelos regionais. Outro ponto de destaque foi a acolhida de *novas formas de compromisso*. Sem romper com a dinâmica de suas opções fundamentais face ao conflito social, as comunidades vão integrando e reafirmando novos compromissos: em particular com as questões de

gênero, etnia e ecologia. Não houve sequer um regional que deixasse na sombra um desses desafios. Vale ainda registrar a presença emergente da temática da *juventude*. Em Ilhéus a fisionomia jovem foi mais marcante entre os participantes: cresce o número de jovens que assumem a causa das CEBs. Um sinal desta emergência pode ser verificado na escolha do tema para o próximo Intereclesial, que será realizado no ano de 2005 em Minas Gerais, na diocese de Itabira e Coronel Fabriciano. Dentre os sete temas indicados pelos regionais e votados no grande arraial, o tema "CEBs, juventude e compromisso social" ficou em segundo lugar.¹⁶

Dentre as **questões em aberto** presentes no Intereclesial de Ilhéus, algumas merecem ênfase particular. Em primeiro lugar, a questão da *ministerialidade das comunidades*. O horizonte de uma Igreja toda ministerial constitui o grande sonho das CEBs. Isto ficou patente, mais uma vez, neste Encontro e expresso com vitalidade na carta final: "Sonhamos com uma Igreja participativa, toda ministerial, unida no respeito à diversidade, missionária". A necessidade de uma maior partilha e distribuição do poder na Igreja foi um tema recorrente nos grupos, plenários e arraiais. De modo especial, o desejo de uma maior participação das mulheres nas "várias instâncias de serviços e de decisões"¹⁷. Na primeira versão da carta final, falava-se inclusive da presença feminina nos ministérios ordenados. É interessante verificar o efeito da presença das pastoras evangélicas nos Intereclesiais: uma presença que suscita no plano simbólico o fortalecimento de um sonho possível para a Igreja católica. Em entrevista concedida ao Boletim Informativo Axego, a pastora luterana Vera Cristina Welssheimer, dizia: "A presença da mulher no altar quer ser provocativa e seduzir para a revisão de posicionamentos pessoais e eclesiais. Nas CEBs, a mulher tem presença ativa e forte, desta forma, sua participação no altar não deve ser apenas simbólica"¹⁸. Relacionado à questão ministerial, emergiu também o tema do *direito à Eucaristia* nas CEBs. Uma realidade muito comum na vida das CEBs é a ocorrência das celebrações dominicais sem padre, um índice que envolve 70% das comunidades. Dada a importância da Eucaristia para a dinâmica do ser Igreja, e considerando a dificuldade real de sua presença em razão da carência

¹⁶ Em primeiro lugar ficou o tema: CEBs, espiritualidade libertadora e compromisso com os excluídos.

¹⁷ *Carta ao povo das CEBs... Op. cit.*, p. 3. Um dos compromissos assumidos pelos bispos, foi o de "lutar pelo reconhecimento da dignidade e igualdade da mulher, nos diversos âmbitos da Igreja e da sociedade", bem como o de "consolidar a floração de novos ministérios assumidos igualmente por homens e mulheres, adultos e jovens": *Carta dos bispos... Op. cit.*, p. 2.

¹⁸ V. M. WELSSHEIMER, Entrevista concedida ao *Boletim Informativo Axego*, 14 de julho de 2000 (Boletim informativo distribuído a cada dia no Intereclesial).

de ministros ordenados, abre-se um desafio novo: como responder à demanda por tal imperativo numa comunidade que carece de sacerdote, não por vontade própria? Esta questão envolve, certamente, a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o campo de atuação e exercício dos novos ministérios, não ordenados. Outra questão que apareceu, merecendo uma reflexão mais aprofundada, relacionou-se ao desafio de *superação do autoritarismo clerical*. Os ventos da nova conjuntura eclesial e sua incidência na formação de um novo clero mais fechado provocaram a reação viva das comunidades no Encontro de Ilhéus. Em vários momentos do evento esta preocupação foi expressa, seja com respeito às resistências do novo clero em face da caminhada eclesial de compromisso com os pobres; à formação precária e desengajada dos seminaristas; às discriminações e bloqueios exercidos pela hierarquia eclesial etc. Diante da preocupação expressa, os bispos, em sua carta, reiteraram o seu compromisso de apoio às CEBs em suas dioceses, facultando “uma maior presença” nas bases, “assim como a de padres e seminaristas, religiosos e religiosas”¹⁹.

Algumas **interrogações** são suscitadas pela experiência deste Intereclesial de Ilhéus, merecendo um aprofundamento posterior. Em primeiro lugar, a questão da *representatividade* nestes Encontros. Seria importante e necessário ampliar a participação das bases. Verifica-se que esta participação é mais viva nos encontros locais e regionais de CEBs. É verdade que os critérios que definem a participação nos Intereclesiais são bem precisos, privilegiando decisivamente a presença dos animadores de base; mas inúmeras dificuldades se interpõem na implementação destas diretrizes: dificuldades financeiras, obstáculos de família, impedimento por razões de compromisso de emprego etc. Na realidade, os agentes de pastoral têm mais disponibilidade e facilidade para garantirem sua participação. Em segundo lugar, *o formato dos Intereclesiais*. Esta é uma preocupação que vem ganhando espaço nos últimos anos. Em que medida, a dimensão tomada pelos últimos Intereclesiais tem favorecido e propiciado uma reflexão mais viva sobre a realidade e o cotidiano das CEBs? Será que o atual formato, que privilegia mais o dado celebrativo, corresponde às atuais expectativas? São questões a serem trabalhadas com mais calma pela Ampliada Nacional, pelas comunidades e os assessores envolvidos com a experiência. Em terceiro lugar, *o feitio das grandes celebrações* presentes nos Intereclesiais. Nos últimos Encontros, estas celebrações têm assumido um formato de grandiosidade, e em alguns casos, assemelhando-se a grandes espetáculos. Os regionais responsáveis por sua preparação “concorrem” entre si para a sua melhor, mais bonita e

¹⁹ Carta dos bispos. Op. cit., p. 2.

mais eficaz realização. O tempo utilizado nestas celebrações tem sido excessivo, ultrapassando muitas vezes três horas de duração, e nem sempre as condições do espaço favorecem uma boa acomodação das pessoas. A ênfase na palavra continua sendo uma tônica muito forte. As pessoas que conseguem ficar mais próximas, acompanham com mais facilidade; já as mais distantes acabam se dispersando. Seria o caso de se perguntar em que medida uma dinâmica celebrativa mais simples, "kenótica" e orante não estaria mais de acordo com a realidade das comunidades, como foi o caso da tarde orante na praia.

Estas são algumas interrogações em aberto, sujeitas a questionamentos e ponderações. Constituem o fruto de reflexões que foram nascendo durante o Intereclesial, mas que não esvaziaram, de modo algum, a impressão positiva da riqueza do mesmo. O que ficou mais evidente neste Intereclesial foi a realidade do resgate e de afirmação de um sonho: o sonho de um Reino de fraternidade apontado por Jesus, há mais de 2000 anos. As CEBs são portadoras qualificadas desta memória e deste sonho, com a grande e imprescindível tarefa de não deixá-los esvaziar na história. O X Intereclesial mostrou para o Brasil e para o mundo que as CEBs continuam dinâmicas e vivas, também na recriação e reinvenção do sonho de uma Igreja mais solidária e participativa, aberta ao sopro renovador do Espírito e tatuada na vida dos pobres.

Faustino Teixeira é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). É autor de vários livros entre os quais: *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*, São Paulo: Paulinas, 1993; *Teologia das Religiões: Uma visão panorâmica*, São Paulo: Paulinas, 1995; *Os Encontros inter-ecclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.

Endereço: Rua Antonio Carlos Pereira, 328
36071-120 Juiz de Fora — MG
e-mail: teixeira@ichl.ufjf.br